

ECONOMIA CIRCULAR E VALOR COMPARTILHADO COMO FATORES PARA A IMPLANTAÇÃO DA GESTÃO ESG

1 INTRODUÇÃO

A partir de fins do século passado os movimentos de defesa do meio ambiente têm crescido no mundo e pressionado governos, empresas e a sociedade em geral. Como resultados foram produzidos importantes livros, relatórios, conferências, acordos, normas e documentos globais, que colaboraram para o descortinar da preocupação socioambiental.

Em 1987, surgiu o conceito de Desenvolvimento Sustentável, focado no atendimento das necessidades atuais da população, mas sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras. Em 1994, o conceito *Tripple Bottom Line* buscou convergir os movimentos ambientais e sociais, unindo-os à questão econômica das empresas, pois as empresas devem focar no lucro, mas também ter preocupação com os processos que afetam o meio ambiente e sociedade (ELKINGTON, 2001).

Neste milênio, o conceito de Gestão ESG [*Environmental, Social and Governance*] tem desafiado as empresas a adotarem práticas de sustentabilidade ambiental, redução do consumo de energia, investimentos em energia limpa, preservação dos recursos naturais, cuidados com os colaboradores (inclusão e diversidade) e maior transparência na forma de gerir as empresas.

Empresas listadas em bolsas de valores pelo mundo precisam cumprir requisitos regulatórios de administração e são cobradas a prestar informações sobre ações ambientais, sociais e de governança, devido a crescente cobrança exercida pelos *stakeholders* que se preocupam com empresas comprometidas com a Gestão ESG e sustentabilidade de longo prazo.

O objetivo geral do estudo foi demonstrar as vantagens das práticas da Economia Circular (EC) e do Valor Compartilhado (CVC) para a implantação da Gestão ESG em uma organização, a partir da seguinte pergunta: A Economia Circular e o Valor Compartilhado são conceitos importantes para a implantação exitosa da Gestão ESG nas organizações?

2. QUADRO TEÓRICO

2.1 – ECONOMIA CIRCULAR

A Economia Circular [EC] é um novo paradigma para as bases de produção da Economia Mundial, consistindo em um sistema restaurativo e regenerativo, que atinge todas as atividades produtivas, processos, produtos e serviços tendo por consequência a criação de novos modelos de negócios, face a finitude dos recursos naturais e em substituição a crescente inviabilidade do conceito de Economia Linear. A EC busca incentivar a redução do consumismo, a partilha, a locação, a reutilização, a renovação e a reciclagem de materiais. Como resultado, reduz a extração de matérias-primas, impulsiona a inovação para a reutilização dos resíduos, diminui o volume de rejeitos, gera criação de valor no longo prazo e reduz o consumismo (CAMPI; SOUSA, 2023; LEITÃO, 2015; FOSTER; ROBERTO; IGARI, 2016;). A EC se apresenta como um fator para a implantação da Gestão ESG, na qual três pontos se destacam: necessidade de novos hábitos dos consumidores; mudança dos processos produtivos; e, perspectiva dos produtos como ativos (FONTGALLAND, 2022).

A Economia Circular aplica o conceito do *'Tripple Bottom Line'* e consiste em uma mudança sistêmica, na qual o consumidor precisa mudar hábitos de consumo e as empresas precisam rever os modelos de negócios. Torna-se necessário repensar o uso dos produtos e processos produtivos em cadeia, considerando o fim de vida de produtos/serviços, como sendo insumos iniciais para cadeia produtiva, com base na redução, reutilização, reciclagem e/ou recuperação de materiais nos processos de produção e consumo. Isto fará com que as empresas

revejam suas relações, criem parcerias e incluam o CVC em seus negócios, visando o desenvolvimento sustentável, criando qualidade ambiental, prosperidade econômica e equidade social, com benefícios atuais e para as gerações futuras (BONVIU, 2014).

Aquino, Pantoja e Luz (2023) demonstraram que a Economia Circular é recente com poucas publicações, porém a partir de 2015 cresceu exponencialmente. Ferreira, Moreira e Dias Filho (2023) apontam que entre 2015 e 2019 não encontraram artigos em *Journals* de contabilidade, economia, finanças e negócios, mas demonstram que o tema tem sido discutido.

2.2 – VALOR COMPARTILHADO

A tese da Criação de Valor Compartilhado [CVC] originou-se a partir da crise sobre o papel que as empresas desempenham na Sociedade, uma vez que as questões relacionadas a sustentabilidade colocaram em evidência práticas de busca de rentabilidade sem a preocupação com as externalidades negativas geradas. O Valor Compartilhado é a proposta estratégica da empresa para gerar valor social e alcançar valor econômico (PORTER; KRAMER, 2011).

A CVC propõe uma estratégia empresarial, a partir de problemas sociais, ligadas ao *core business* da empresa, que busca a lucratividade e a vantagem competitiva a partir da solução de problemas sociais, faz uso do *know-how* da empresa, da inovação para criar valor econômico e social. Pode ser alcançado de 3 maneiras que se complementam: reconceber produtos e mercados; redefinir a produtividade na cadeia de valor; e, construir *clusters* de apoio da indústria nas localidades das empresas (PORTER; KRAMER, 2011).

Silva e Rezende (2018) criaram uma escala de 5 níveis da maturidade das empresas brasileiras, a partir de Porter e Kramer (2011), e concluíram que a maioria se encontra no nível 3 “consciente”, no qual existe uma visão clara dos impactos positivos e negativos de suas atividades na Sociedade, mas distanciam-se da CVC pelo fato das ações serem pulverizadas.

Tomasso e Pinsky (2022) investigaram as estratégias em sustentabilidade da Suzano S/A, e identificaram um sistema que demonstra que inovação e sustentabilidade estão inseridas na cultura e nas práticas da empresa, que cunhou o termo inovabilidade como sua essência, e a implementação da CVC o meio para alcançá-la e como visão estratégica de longo prazo.

O CVC somado ao envolvimento dos diversos *stakeholders* pode ser a base para encontrar soluções (LORO NETTO, 2023). Porém, a abordagem da Criação de Valor Compartilhado tem recebido críticas como: a necessidade de análises mais profundas; ser uma proposta teórica ainda não desenvolvida, não original e apenas incremental; e, que não se configura como uma nova proposta do capitalismo (SILVA; REZENDE, 2018).

2.3 – GESTÃO ESG NAS ORGANIZAÇÕES

Gestão ESG consiste em práticas administrativas que consideram os aspectos ambientais, sociais e de governança na tomada de decisão. O comprometimento com a Gestão ESG transmite preocupação com o desenvolvimento sustentável, responsabilidade social e boas práticas de governança, com efeito mitigam riscos e suscitam valor de longo prazo aos *stakeholders* (BHATTACHARYA; ZAMAN, 2023; TOLEDO et al., 2023). A Gestão ESG é uma mudança de paradigma para o mercado financeiro, é uma nova abordagem com visão de longo prazo, holística, na qual o foco não está apenas no lucro (WORLD BANK, 2009).

O termo ESG surgiu voltado aos profissionais atuantes em investimentos, com discussões sobre como incorporar questões socioambientais e de governança nas principais tomadas de decisão nos mercados de investimento. Como resultado foi criado o relatório ‘*Who Cares Wins Future Proof?*’, como uma visão do mercado de capitais sobre a sustentabilidade, sendo a Gestão ESG uma abordagem de Gestão de Ativos (WORLD BANK, 2009).

Os investidores e as organizações perceberam que os efeitos negativos de uma economia fragilizada e os efeitos colaterais das mudanças climáticas atingem a todos. Sendo o mercado financeiro e as empresas peças-chaves da Sociedade, precisam rever seus conceitos para garantir retornos financeiros e desenvolvimento econômico (HONG, 2023; LI, 2023).

Além dos benefícios para o planeta e para a Sociedade, as empresas começam a perceber as vantagens que a Gestão ESG proporciona, como melhorias na(o): redução de custos; imagem da marca, atração e fidelização de clientes; relação com colaboradores; aumento da eficiência operacional e retenção de talentos; gestão de risco; relacionamento com os fornecedores, o que proporciona cadeias de abastecimento mais sustentáveis, além de oportunidades de novos negócios (STAN et al., 2023; TOLEDO et al., 2023).

Dentre as maiores críticas à Gestão ESG estão: não ser desejável, porque é uma distração, pois alguns grupos acreditam que as empresas só devem se preocupar com o lucro; não ser viável, porque é intrinsecamente difícil demais satisfazer todos os *stakeholders*; não ser mensurável, pois falta uma taxonomia e existem muitos aspectos intangíveis; não há uma relação significativa com o desempenho financeiro, devido a dificuldade de separar os efeitos da Gestão ESG de outros fatores incidentes nos negócios (MCKINSEY & COMPANY, 2022).

No Brasil, Toledo et al. (2023) constataram que os agentes do mercado têm pressionado para a adoção das práticas ESG e que as empresas têm tido retorno positivo. Câmara (2023) alerta para o problema do *Greenwashing* e constata que as certificações e métricas funcionam como um empecilho a prática. Loro Netto (2023) apresenta *cases* de empresas que tiveram retorno financeiro com práticas ESG, ao encontrarem oportunidades na busca de solução de problemas, e que conquistaram investimentos através de valor compartilhado.

3. METODOLOGIA

O método usado foi a pesquisa exploratória, por ter a finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, utilizada quando um problema é pouco conhecido, ou quando as hipóteses ainda não foram definidas claramente, para se obter o conhecimento prévio sobre os temas em questão. A abordagem foi qualitativa com emprego do método indutivo por sua característica observacional e com finalidade básica estratégica, no intuito de utilizar em estudos práticos, mediante as técnicas de pesquisa bibliográfica (livros, periódicos e congressos científicos), documental (sites e relatórios) e estudo de caso, usado para investigar um fenômeno dentro do seu contexto de realidade. Para alcançar o objetivo de demonstrar as vantagens das práticas da Economia Circular e do Valor Compartilhado para a implantação da Gestão ESG, foram enviados questionários estruturados à gestores de 3 empresas de estudo.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

4.1. EMPRESAS

As empresas do estudo foram escolhidas pela parceria no desenvolvimento compartilhado de uma embalagem de fertilizantes que atendessem aos requisitos de circularidade (100% reciclável). Elas comunicam e divulgam ações de sustentabilidade seguindo o relatório da *Global Reporting Initiative* [GRI] e receberam as certificações NBR ISO 9001 e NBR ISO 14001 (ANTILHAS, 2023; BRASKEM, 2023; SOLVÍ, 2023).

4.1.1. Braskem S/A

Empresa brasileira (química e petroquímica) desde 2002. É líder na produção de resinas termoplásticas, além de insumos químicos básicos mais os. A empresa afirma o compromisso com os seus diversos *stakeholders* em integrar fatores ESG em suas práticas de negócio, contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Em 2022, declarou-se comprometida com a

busca pela EC e pela neutralidade de carbono e acreditar na inovação como pilar estratégico de suas ações, e inaugurou o Cazoolo – Lab de *Design* para Embalagens Circulares, um *hub* de inovação gratuito, onde profissionais e empresas de diversos portes e setores se conectam para desenvolver embalagens sustentáveis (BRASKEM, 2023).

4.1.2. Grupo Antilhas

Fundada em 1989, é uma indústria de embalagens em papel, cartão e plástico, com investimentos em P&D, infraestrutura e novas tecnologias. Em 2023, anunciou novo Centro de Distribuição projetado com foco em sustentabilidade ambiental. Também expôs seu compromisso em investir em embalagens responsáveis, priorizando a sustentabilidade, investindo em tecnologias para reduzir impactos ambientais e facilitar a reciclabilidade dos produtos. Na identificação dos temas materiais, nos tópicos gestão de resíduos e *design* de produto e gerenciamento do ciclo de vida declaram a promoção da EC (ANTILHAS, 2023).

4.1.3. Solví Essencis Ambiental S/A

A empresa atua no mercado de engenharia e soluções ambientais, sendo líder em soluções multitecnológicas no Brasil, oferecendo soluções ambientais integradas para Brasil, Argentina, Peru e Bolívia. Seu portfólio de negócios permite o atendimento a demandas relacionadas a saneamento, manejo, tratamento e disposição final de resíduos urbanos e industriais, valorização energética, economia circular e serviços especiais, incluindo atendimento a emergência ambientais, treinamentos e simulados, e licenças e consultorias para produtos químicos controlados. Através da Organosolví, empresa de compostagem, produz fertilizante orgânico de modo 100% circular. Em 2023, declarou o fortalecimento das práticas ESG e apresentou seu planejamento estratégico direcionado para a: valorização energética, busca de soluções mitigadoras da mudança climática e fortalecimento da EC (SOLVÍ, 2023).

4.2. PARCERIA ENTRE AS EMPRESAS BRASKEM, SOLVÍ E ANTILHAS

A parceria iniciou quando a Organosolví (Grupo Solví) decidiu levar o fertilizante para o consumidor final, cujo desafio era ter uma embalagem que harmonizasse com o conceito do produto e com os valores do grupo. Assim, buscou parceiros que compartilhassem dos mesmos valores, para através da inovação aberta, aceitarem o desafio de co-construir uma embalagem que atendesse aos requisitos de circularidade ou seja circular por *design*.

O Cazoolo – Lab de Design para Embalagens Circulares da Braskem desenvolveu uma embalagem PE com 57% de PCR (resina reciclada após o uso) *Wenew*, produto do portfólio da Braskem, que evita 25% de emissões de CO₂ em comparação ao uso de matéria-prima virgem. A Antilhas produziu a embalagem e utilizou a tecnologia Gelflex Electron Beam para impressão, que reduz em 50% o consumo de energia e de 95% em emissões de compostos orgânicos voláteis (VOC's). Assim, criaram uma embalagem 100% reciclável *stand up pouch* monomaterial com capacidade para armazenagem de 2kg, que foi vencedora do prêmio Grandes Cases de Embalagem 2023.

4.3. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Foram recebidos três questionários: A1 - área de Inovação Tecnológica - Solví; A2 - área de Sustentabilidade e A3 - área técnico comercial - Antilhas. A Braskem S/A não retornou.

Os respondentes apontam que as empresas Solvi e Antilhas adotam a Economia Circular em seus negócios (processos e produtos) e buscam implantar a Gestão ESG, entendida como de alta importância. Os objetivos para implantação apresentados pelas empresas estão alinhados com os conceitos da Gestão ESG, conforme Bhattachary e Zaman (2023) e Stan et al. (2023).

Na resposta da Solví (A1), consta que a EC contribui para a implantação da Gestão ESG e consiste em um dos compromissos públicos de sustentabilidade que é “Negócios que apoiam uma economia circular até 2030”, além de relacionar várias práticas de EC da empresa.

As respostas da Antilhas (A2 e A3) constam que a EC contribui para a implantação da Gestão ESG, porque ao pensar pela ótica da circularidade a empresa obtém impactos positivos. Também, seus processos e produtos ao serem desenvolvidos têm como premissa a reinserção no ciclo após utilização primária, pensando em seu impacto na pegada de carbono, e em como será o descarte após o uso e as rotas de reciclagem. Sobre a avaliação do ciclo de vida do produto e dos processos, existe preocupação com o descarte após uso, referência a uma das atividades mais importantes da EC, o *design*, que é o momento em que o produto é pensado em toda sua cadeia evolutiva. A tecnologia da tinta Gelflex Electron Beam atende ao terceiro princípio da EC - excluir externalidades negativas.

Embora não tenha ocorrido resposta da Braskem, pode-se verificar: seu compromisso com a Gestão ESG mediante observação no Relatório Integrado (BRASKEM, 2023); o envolvimento da empresa com a EC através da criação da Cazoolo, (BRASKEM, 2023) e na utilização de PCR Wenew (resinas recicladas pós consumo) na composição da embalagem, que atende ao primeiro princípio da EC - preservar e aprimorar o capital natural; quanto ao Valor Compartilhado, além de constar em seu Relatório Integrado, Silva e Rezende (2018) citam como empresa que tem práticas coadunantes.

Com relação aos aspectos negativos da Gestão ESG, o respondente A3 colocou a questão da necessidade de investimento para a implantação, refletindo nos custos e na vantagem competitiva, aspecto que não surgiu em McKinsey & Company (2023). As respostas quanto aos aspectos positivos seguem as ideias expostas em Toledo et al. (2023) e Stan et al. (2023).

Sobre o Valor Compartilhado de Porter e Kramer (2011), ainda existem muitas dúvidas sobre o tema, notadamente quanto sua diferença com a Responsabilidade Social. O respondente A1 declarou que a empresa adota o conceito de CVC, e que as práticas inerentes a criação do Instituto Solví (promoção da educação, esporte, lazer, saúde e educação ambiental para sociedade) contribuem para a implantação da Gestão ESG, contudo abordam ações mais relacionadas a Responsabilidade Social Corporativa do que Valor Compartilhado.

Na Antilhas, o respondente A2 disse adotar parcerias, enquanto o respondente A3 não vê o Valor Compartilhado formatado na empresa. Entretanto na pergunta sobre práticas de Valor Compartilhado incorporadas na empresa, A3 descreveu o conceito e as práticas da CVC e declarou acreditar que contribui para a implantação da Gestão ESG. É possível identificar CVC na Antilhas através do projeto de processos finalizados nos presídios e na remuneração mais justa aos catadores de resíduos. A CVC parte do *core business* da empresa para resolver problemas da Sociedade (PORTER; KRAMER, 2011).

5. CONCLUSÃO

Este trabalho contribui ao expor as características da Economia Circular (EC) e do Valor Compartilhado (CVC), como fatores importantes para a Gestão ESG nas Organizações, além de apresentar exemplos para conhecimento e aprofundamento de soluções para o sucesso da implantação da Gestão ESG. As corporações precisam perceber a importância dos temas ambiental, social e de governança, e do seu papel transformador, no contexto atual da Sociedade. A Gestão ESG é o caminho para o desenvolvimento sustentável e os conceitos de EC e CVC são estratégias para transformar essas mudanças na maneira de gerir uma empresa com práticas sustentáveis, sem abdicar da lucratividade e da criação de novas oportunidades.

O estudo foi impactado pela não obtenção de resposta da Braskem, mas para mitigá-lo foram pesquisados artigos e os relatórios integrados de sustentabilidade. Assim, foi verificada a adoção de Valor Compartilhado a partir dos trabalhos de Silva e Rezende (2018), que

enquadraram a empresa no nível 3 de maturidade de Valor Compartilhado, e de Tomasso (2020), que identificou a atuação da empresa nos 3 níveis da CVC. Os resultados mostram que as três empresas adotam a Economia Circular e afirmam que os conceitos de EC e CVC contribuem para implantação da Gestão ESG.

REFERÊNCIAS

- ANTILHAS. Site institucional. 2023. Disponível em: <https://www.antilhas.com.br/grupo/conheca-antilhas/nossa-trajetoria>.
- AQUINO, M.; PANTOJA, M.; LUZ, K. Economia Circular: uma revisão sistemática da literatura e análise bibliométrica. *Revista da UI_IP*, Santarém, v. 11, n. 2, p. 259-271, 2023.
- BHATTACHARYA, C. B.; ZAMAN, M. The What, Why and How of ESG Dashboards. *NIM Marketing Intelligence Review*, v. 15, n. 1, p. 32-39, 2023.
- BONVIU, F. The European economy: From a linear to a circular economy. *Romanian J. Eur. Aff.*, v. 14, p. 78, 2014.
- BRASKEM. Site institucional. 2023. Disponível em: <https://www.braskem.com.br/perfil>.
- CAMPI, I. G.; SOUSA, E. J. S. A implementação da economia circular nas empresas. *Revista Estudos e Negócios Acadêmicos*, v. 4, n. 6, p. 66-72, 2023.
- ELKINGTON, J. *Canibais com garfo e faca*. Makron Books, 2001.
- FERREIRA, A. S.; MOREIRA, B. N.; DIAS FILHO, J. M. Explorando a Economia Circular: Perspectivas Internacionais em Foco. *Revista de Contabilidade da UFBA*, v.16, n. 1, 2023.
- FONTGALLAND, I. L. *Economia circular e consumo sustentável*. Ampla, 2022.
- FOSTER, A.; ROBERTO, S. S.; IGARI, A. T. Economia circular e resíduos sólidos: uma revisão sistemática sobre a eficiência ambiental e econômica. *Anais XXVIII ENGEMA*, 2016.
- HONG, Y. *Financial Risk Caused by Climate Change and Its Countermeasures*. In: *8th International Conference on Financial Innovation and Economic Development (ICFIED 2023)*. Atlantis Press, p. 350-362, 2023.
- LEITÃO, A. Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o séc. XXI. *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, v.1, n. 2, p. 149-171, 2015.
- LI, T.-T. et al. ESG: Progresso da pesquisa e perspectivas futuras. *Sustentabilidade*, v. 13, n. 21, 2021.
- LORO NETTO, C. C. A. *A contribuição do Brasil na mitigação das mudanças climáticas através do valor compartilhado dos investimentos sustentáveis (ESG e Impact Investing)*. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2023.
- MCKINSEY & COMPANY. *Como tornar o Esg uma Realidade?* 2022. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/destaques/como-tornar-o-esg-uma-realidade/pt#/>
- PORTER, M. E.; KRAMER M. The Big Idea: Creating Shared Value. *Harvard Business Review*, Boston, v. 89, n. 1-2, 2011.
- SOLVÍ. Site institucional. 2023. Disponível em: <https://www.solvi.com/nossa-historia>.
- STAN, S. E. et al. Measuring Supply Chain Performance from ESG Perspective. *International Conference Knowledge-Based Organization*, v. 29, n. 1, p. 180-189, 2023.
- SILVA, M. P.; REZENDE, J. F. C. Evidenciação de níveis de maturidade na criação de valor compartilhado em empresas brasileiras a partir da abordagem de Porter e Kramer. *Base de Administração e Contabilidade da UNISINOS*, v. 15, n.4, 2018.
- TOMMASO, S. F. N.; PINSKY, V. Creating shared value: the case of innovability at Suzano in Brazil. *Innovation & Management Review*, v.3, p. 208-221, 2022.
- WORLD BANK. *Who Cares Wins Future Proof? Embedding environmental, social and governance issues in investment markets* 2009. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/476811468158704493/pdf/476600WPOFutur10Box338858B01PUBLIC1.pdf>.